ISSN **2448-413X**

Número 10, volume 1 – agosto 2018

Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia

http://www.geografia.blog.br/geodialogos

A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA E DOS CROQUIS PARA A GEOGRAFIA E OS CUIDADOS COM A SUA BANALIZAÇÃO

Erick de Oliveira Faria*

Manuella Biagioni Barbosa Teixeira**

A cartografia é, desde a geografia primitiva, o meio mais utilizado para a troca de informações espaciais. No início se resumia a linhas e pontos que serviam para localizar itens indispensáveis à vida. Posteriormente, foi se desenvolvendo para outros propósitos, como estratégia de guerra, rotas de comércio, de navegações, entre outros. Para os geógrafos, a cartografia é algo especial. É na cartografia que o geógrafo se encontra, seja debruçado nos mapas topográficos de sua mesa de trabalho, fazendo conexões e interpretando o espaço geográfico, seja os fazendo – hoje em dia nos computadores.

Com a popularização de plataformas de estudos e compartilhamentos *online*, começaram a surgir inúmeros cursos e os famosos tutoriais, em que pessoas compartilham suas experiências ensinando, a grande número de usuários, como utilizar *softwares* SIG para fabricar seus próprios mapas. Em um primeiro momento, essa popularização parece ser algo positivo, uma vez que, o conhecimento a respeito da cartografia está ao alcance de um maior número de pessoas, disponível a todo momento, permitindo ao usuário assistir aos tutoriais quantas vezes quiser. De fato, esses tutoriais vêm promovendo a popularização dos *softwares*, sobretudo aqueles que são livres. Porém, os mesmos em sua maioria são muito voltados para a prática em si, de como fazer um determinado tipo de mapa e pronto, não há um ensino a respeito da

* Geógrafo, mestrando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), e bolsista do CNPq. Correio eletrônico: erickolifaria@gmail.com

** Turismóloga, mestranda em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e bolsista da CAPES. Correio eletrônico: manuellabiagioni@gmail.com

cartografia e dos elementos que a compõem.

Essa “popularização” da cartografia – apesar de positiva até certo ponto – pode gerar um quadro de banalização e, consequentemente, sua desvalorização. O uso de mapas em trabalhos geográficos requer cuidado não apenas na hora de fazê-los, mas também na hora de interpretá-los, para que não se deixe levar por argumentos distorcidos. Na obra *How To Lie With Maps*, Monmonier (1996) mostra como o uso do mapa pode ter um viés direcionado para aquilo no qual o geógrafo ou o cartógrafo deseja dar ao seu ponto de vista.

A cartografia já vinha perdendo espaço com o desenvolvimento da corrente de Geografia Crítica. Alguns autores dessa corrente vêm dando mais ênfase a números e ao desenvolvimento de modelos estatísticos do que a análise espacial propriamente dita. Um bom exemplo é Milton Santos, um dos mais citados geógrafos brasileiros. Santos sequer fez uso da cartografia na maioria de suas obras; apenas em um de seus mais famosos livros, *O espaço dividido* (SANTOS, 2008), que faz uso – ainda que timidamente – de esquemas para a representação espacial gráfica do que o autor defende na obra. Outro importante geógrafo, David Harvey, que também faz parte da corrente crítica e é atualmente um dos geógrafos mais conhecidos e citados internacionalmente, não faz uso da cartografia em suas obras. Harvey, que hoje é um dos geógrafos mais adeptos ao estudo do marxismo, escreveu no início de sua carreira uma obra intitulada *Explanation in Geography*, em que mostrou a importância não só do mapa para o estudo da geografia, como também chamou atenção para a importância de sua escolha.

Outro importante geógrafo, Richard Hartshorne, conhecido por ser um dos defensores do método regional por diferenciação de áreas, disse em sua obra, sobre a natureza da geografia que: "Estudantes das ciências sistemáticas que adquiriram algum ponto de vista geográfico, perceberão que o único idioma em que a localização das coisas na superfície terrestre pode ser retratada é o mapa […]” (HARTSHORNE, 1939, p. 420).

Entretanto, foi na Geografia Clássica que a cartografia teve um local

Geodiálogos
ISSN 2448-413X
Número 10
Volume 1
Agosto
2018

especial. Mesmo com recursos inferiores – comparado com a infinidade de SIG disponíveis hoje em dia – os mapas eram mais detalhados, minuciosamente desenhados, continham inúmeros detalhes não apenas dos contornos dos continentes, mas também de informações referentes a topografia, fusos, correntes marítimas.

Geodiálogos
ISSN 2448-413X
Número 10
Volume 1
Agosto
2018

O geógrafo Paul Vidal de La Blache é autor de um dos atlas mais famosos e conhecidos na geografia. Seu trabalho intitulado *Atlas Historique et Geographique* não é somente um atlas, mas também uma obra de arte. A Figura 1 é um *mapa mundi* que inicia a segunda parte do atlas, a de *Géographie*. Nela é possível identificar a riqueza de detalhes que La Blache trabalhou em seu atlas, fazendo uma representação do globo em duas faces, traçando quatro perfis topográficos ao redor dos mapas. Na parte central superior fez um mapa mostrando as raças indígenas da região austral e na parte inferior central um croqui das maiores montanhas do mundo.

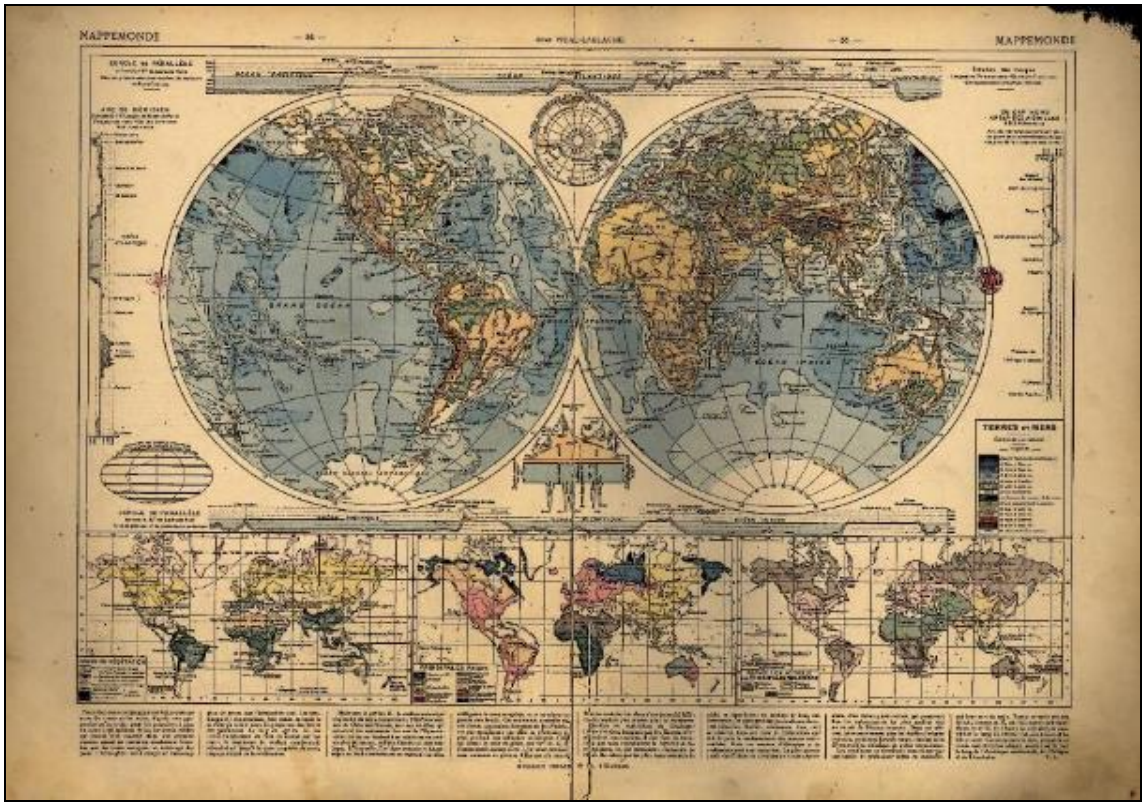

Figura 1. ***Atlas Historique et Geograhique*** **de Vidal de La Blache**
Fonte: La Blache (1960).

Além do mapa principal na mesma página, o autor ainda fez três mapas em escala mais reduzida para representar, da esquerda para a direita, a

vegetação, as principais etnias e as principais religiões do mundo.

Em comparação ao atlas de Vidal de La Blache, a Figura 2 é um *mapa mundi* ou como é geralmente denominado, *Mapa Político do Mundo*, retirado de um atlas muito utilizado no ensino básico de geografia no Brasil. É indiscutível que há um hiato entre as duas formas de representar o mundo, o que não significa que um está errado e o outro certo, mas é indiscutível que o atlas de Vidal de La Blache permite ao aluno uma representação mais completa e, o mais importante, permite ao aluno fazer conexões entre os espaços geográficos. Entretanto, o mapa da Figura 2 representa o que a geografia se tornou para muitos professores do ciclo básico brasileiro: uma disciplina simples, de colorir mapas e decorar o nome de capitais.

Geodiálogos
ISSN 2448-413X
Número 10
Volume 1
Agosto
2018

Figura 2. ***Mapa Mundi* utilizado no ensino de geografia no ciclo básico**
Fonte: Caldini e Ísola (2013).

Não eram apenas os atlas que trabalhavam com seriedade a cartografia, mas também, os trabalhos acadêmicos, sobretudo aqueles que tinham como orientação a geografia clássica. A Figura 3 é um dos mapas presentes na tese do geógrafo Teulières (1956) e mostra que, mesmo com a falta dos recursos tecnológicos que se dispõem hoje, é possível fazer uma cartografia de qualidade.

Outro fator que merece destaque é que, além da cartografia, o geógrafo vem perdendo a capacidade de elaborar bons croquis, apesar de que, com os

computadores atualmente é possível criar croquis muito mais sofisticados dos que eram feitos há tempos. Talvez um dos motivos para que os geógrafos tenham deixado de fazer croquis em seus trabalhos seja o fato de que não se ensina a fazer croquis nos cursos superiores de geografia, e obras como a do geógrafo Roger Brunet intitulada *Les Croquis de Geographie* (BRUNET, 1962), não são mais produzidas pelos geógrafos.

Geodiálogos
ISSN 2448-413X
Número 10
Volume 1
Agosto
2018

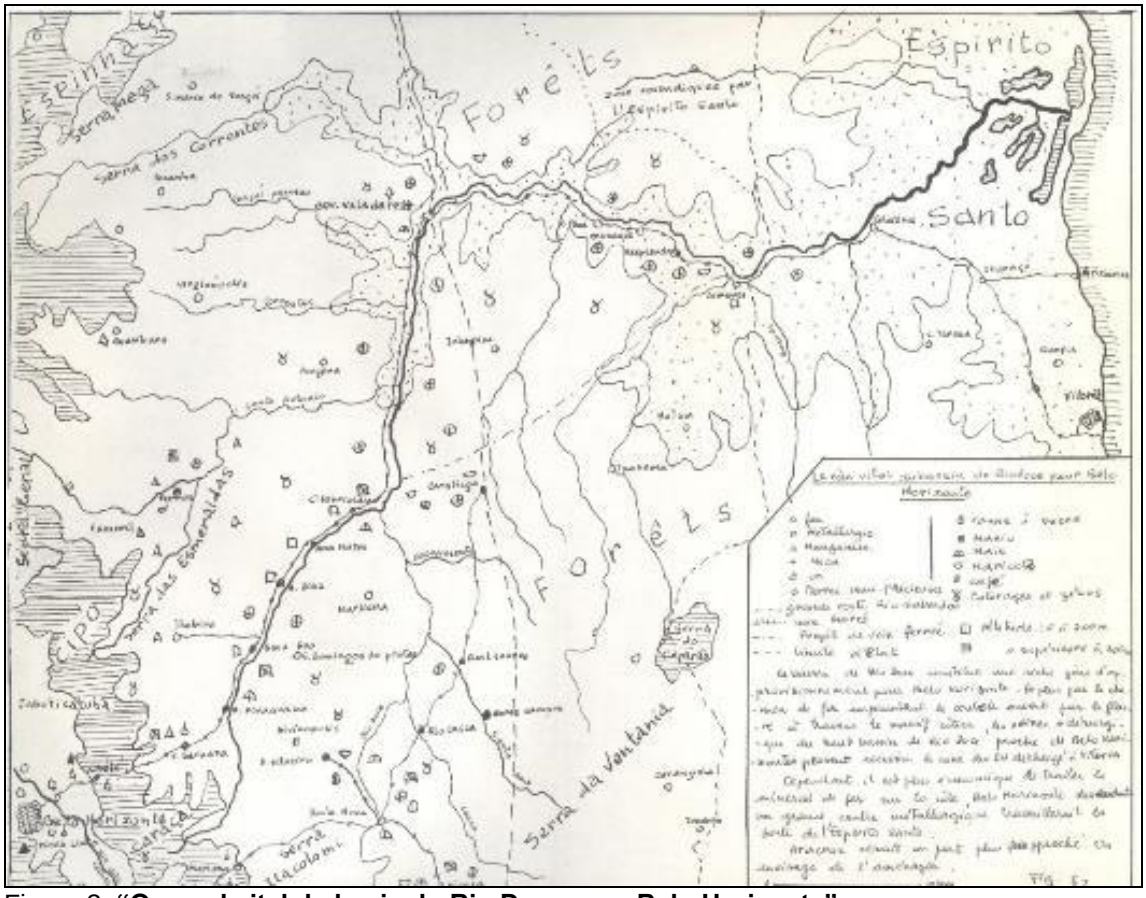

Figura 3. **"O papel vital da bacia do Rio Doce para Belo Horizonte"**
Fonte: Teulières (1956).

A Figura 4 é um croqui retirado da obra de Brunet, em que se representa a região da cidade de Nantes, mostrando vários aspectos relevantes ao estudo da área Assim como a cartografia, os croquis têm um valor didático e comunicativo poderoso, eles são capazes de sintetizar esquemas que permitem ao leitor fazer inúmeras conexões no espaço geográfico.

Muitos trabalhos de geografia ainda fazem o uso de uma cartografia de qualidade, sobretudo atualmente em que os SIG vêm se popularizando. A geografia, talvez devido a corrente crítica, afastou-se um pouco da cartografia,

realizando trabalhos – conforme dito anteriormente – sem a utilização de mapas e croquis para a representação espacial. Conforme destaca Lencioni (2003), a geografia ficou muito preocupada com o desenvolvimento de modelos durante um tempo, e depois muito voltada para a discussão social marxista.

Geodiálogos
ISSN 2448-413X
Número 10
Volume 1
Agosto
2018

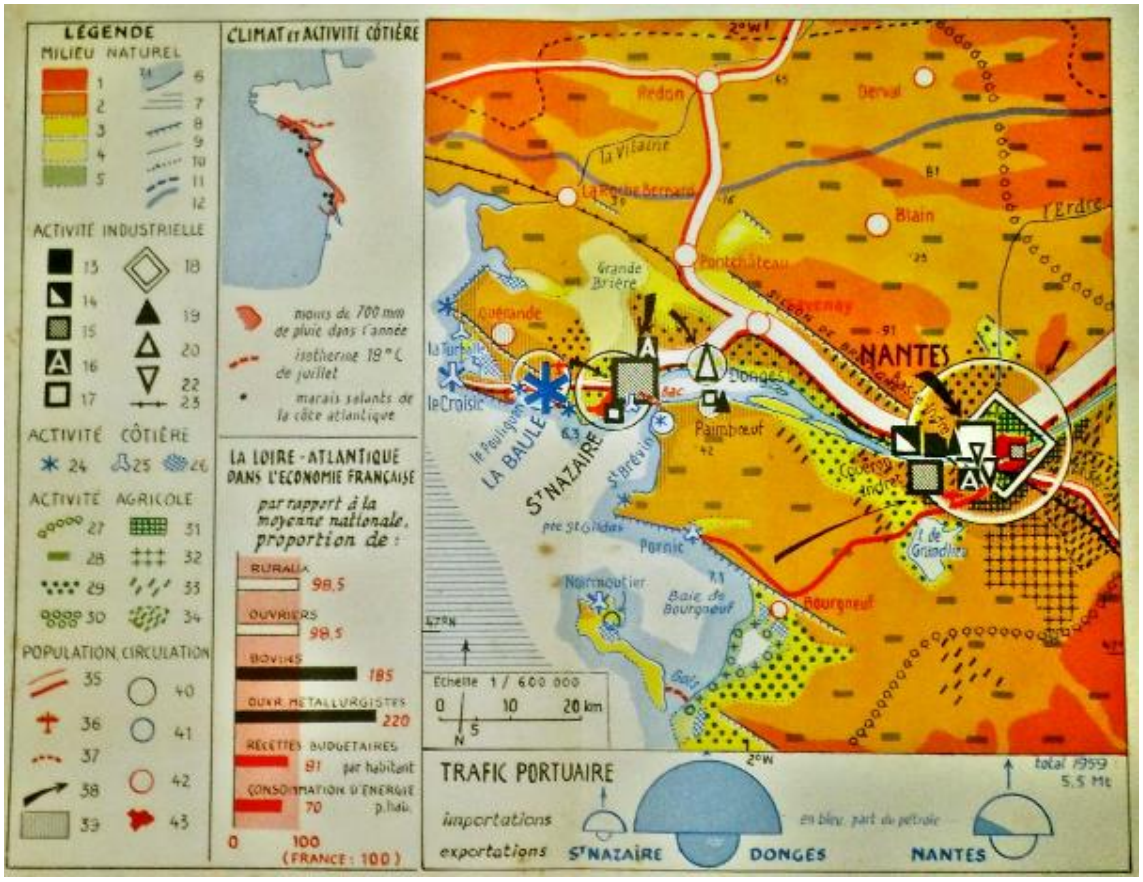

Figura 4. ***Croqui de Géographie***
Fonte: Brunet (1962).

Muitos trabalhos de geografia ainda fazem o uso de uma cartografia de qualidade, sobretudo atualmente em que os SIG's vêm se popularizando. A geografia, talvez devido a corrente crítica, afastou-se um pouco da cartografia, realizando trabalhos – conforme dito anteriormente – sem a utilização de mapas e croquis para a representação espacial. Conforme destaca Lencioni (2003), a geografia ficou muito preocupada com o desenvolvimento de modelos durante um tempo, e depois muito voltada para a discussão social marxista.

Os geógrafos não podem esquecer da importância da cartografia para a Geografia, é um dos elementos que dá identidade aos geógrafos. O papel dela na ciência geográfica é incontestável e não pode ser ignorada pelos geógrafos. Não é de se espantar que alguns geógrafos não saibam ler mapas hoje em dia,

talvez porque não aprenderam, ou pela banalização da cartografia. Essa preocupação com a cartografia também não é algo recente, Burton (1963 *apud* JOHNSTON, 1986) havia identificado no apogeu na quantificação da geografia, um grupo de geógrafos que "pensavam que os geógrafos não deveriam abandonar sua ferramenta já provada – o mapa". É, sem sombra de dúvidas, nos trabalhos da geografia clássica que a cartografia viveu seu apogeu e é, atualmente o período em que se tem a maior disponibilidade de recursos para a cartografia. Talvez a chave para os geógrafos esteja na união da cartografia de qualidade aliada com a disponibilidade tecnológica atual, portanto, não basta somente assistir tutoriais, é preciso estudar a fundo a cartografia. Essa reflexão deve começar no ciclo básico da educação e se consolidar nos cursos superiores de geografia. É importante que volte ao ensino de uma cartografia de qualidade no ciclo básico da educação, que forneça ao aluno desde os primeiros anos de formação o princípio das conexões entre os fenômenos e as relações sociais que ocorrem no espaço.

Geodiálogos
ISSN 2448-413X
Número 10
Volume 1
Agosto
2018

Referências bibliográficas

BRUNET, Roger. *Le Croquis de Géographie*: Régionale et Économique. Paris: SEDES, 1962.

CALDINI, Vera Lúcia de Moraes; ÍSOLA, Leda. *Atlas Geográfico Saraiva*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

HARTSHORNE, Richard. *The Nature of Geography*: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past. 1. ed. Lancaster: Association of American Geographers, 1939.

JOHNSTON, Ronald John. *Geografia e Geógrafos*: A geografia humana anglo-americana desde 1945. Tradução de Oswaldo Bueno Amorim Filho. São Paulo: Difel, 1986.

LA BLACHE, Paul Vidal. *Atlas Historique et Géographique*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 1960.

LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: USP, 2003.

MONMONIER, Mark Stephen. *How to Lie with Maps*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

SANTOS, Milton. *O Espaço Dividido*: os dois circuitos da Economia Urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: USP, 2008.

TEULIÈRES, Roger. *Belo Horizonte*: etude de Géographie Urbaine. Tese (Doutorado em Geografia) – Université du Bordeaux, Bordeaux, 1956.

Geodiálogos
ISSN 2448-413X
Número 10
Volume 1
Agosto
2018